

CEsA

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa

Colecção

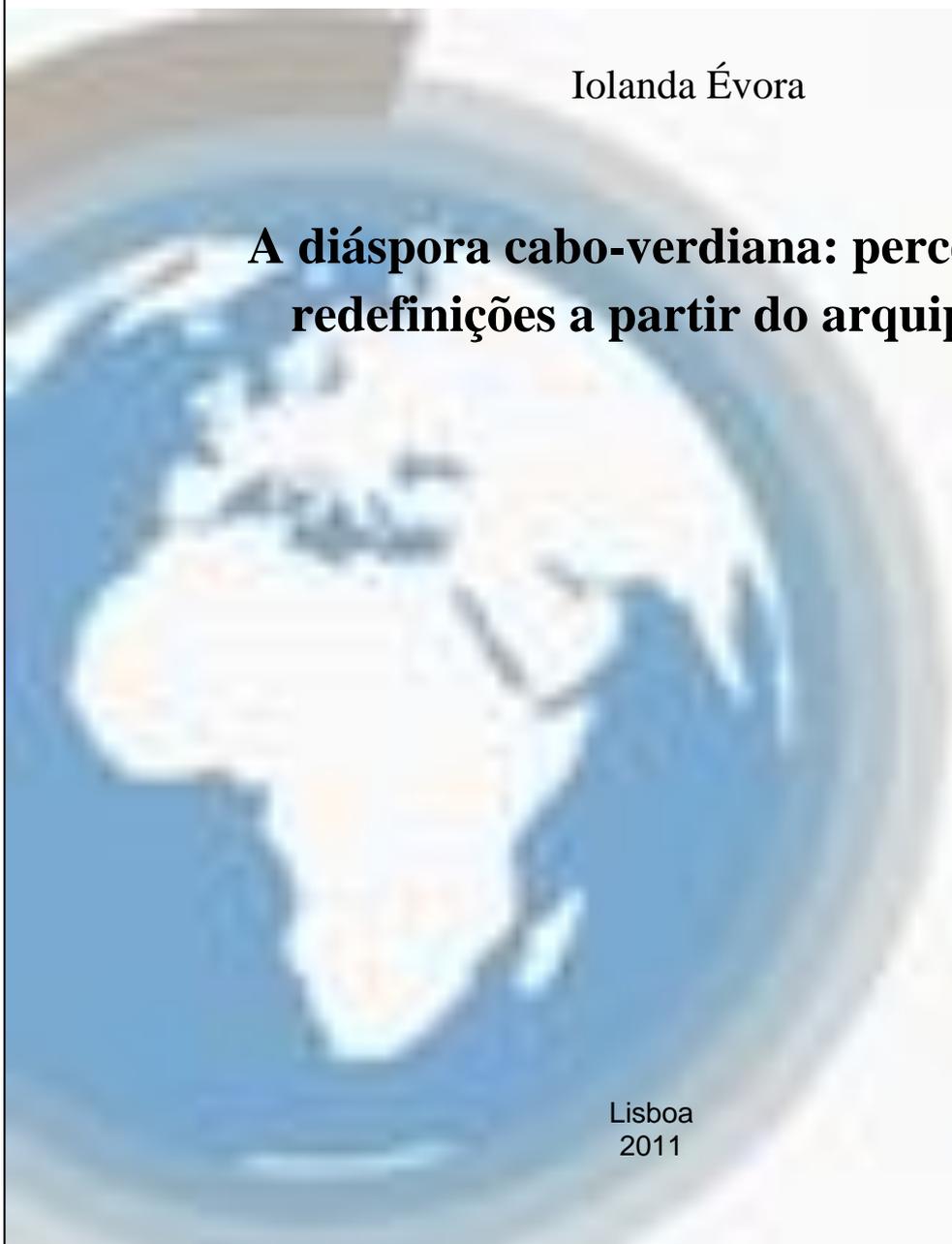
Documentos de Trabalho

nº 100

Iolanda Évora

A diáspora cabo-verdiana: percepções e redefinições a partir do arquipélago

Lisboa
2011



*O CEa não confirma nem infirma
quaisquer opiniões expressas pelos autores
nos documentos que edita.*

**A diáspora cabo-verdiana: percepções e redefinições
a partir do arquipélago**

Congresso Ibérico de Estudos Africanos7
CEA, ISCTE/IUL
Lisboa

Iolanda Évora

**CEsA
Centre of African and Development Studies
Faculty of Economics and Management
Technical University of Lisbon**

E a literatura vem mostrando que a apreensão do espaço físico e simbólico da diáspora deve passar pelo lugar de origem- que é o pólo de atracção através da memória- do mesmo modo que pelo sistema de relações no espaço rede que liga os diferentes pólos da diáspora.

No caso de Cabo Verde, os estudos têm se debruçado com particular ênfase sobre características e potencialidades demonstradas de participação da diáspora no desenvolvimento do país, analisando os benefícios materiais e objectivos que a já longa migração cabo-verdiana tem trazido ao país. Nos últimos anos, tem-se dado destaque à cultura da migração e às práticas associadas à mobilidade que encontram-se profundamente enraizadas na vida do arquipélago (Akesson, 2008; Évora, 2007). Cabo Verde, como lugar de origem, tem sido abordado na qualidade de lugar de produção e difusão de uma ideologia da migração baseada quer na experiência histórica, política, ecológica, geográfica e económica, quer nas experiências individuais (Akesson, 2008). Neste trabalho, propomos que estas questões devem ser levadas mais longe por causa do carácter cada vez mais transnacional e globalizado das diásporas, e num tempo em que a diáspora é apresentada como o modelo de organização social da era pós-nacional e as mobilidades tiram maior partido das novas tecnologias e transportes modernos. No caso de Cabo Verde, deve-se apontar, ainda, a intensa dinâmica interna da sociedade em torno de mudanças sociais profundas e de novas questões sociais ilustradas, por exemplo, pela transformação do país em lugar de imigração quando até bem pouco tempo era conhecido e reconhecido como um país que tem mais habitantes fora do que no arquipélago.

O fato de o termo diáspora ter vindo a tornar-se cada vez mais adotado como descritivo dos resultados das mobilidades cabo-verdianas é um indicador poderoso de mudanças na percepção sobre o que são as pessoas que estão lá fora, e conseqüentemente, sobre o lugar de origem. Porque diáspora traz-nos logo a noção de algo que se fixa lá fora, que tem uma presença e uma ausência duráveis. Estudar a sociedade de origem cabo-verdiana é simplesmente tentar dar conta de um país diversificado e em mudança cujos habitantes participaram, em vários momentos, da criação da sociedade cabo-verdiana e da sociedade diaspórica cabo-verdiana.

Apontando-se ao carácter cada vez mais transnacional e globalizado das diásporas devem ser examinadas com maior detalhe, as repercussões nas relações dos migrantes com o lugar e a sociedade de origem, sem desconsiderar que a este fato, somam-se as mudanças no cotidiano de vida da sociedade cabo-verdiana, trazidas pelos fatos sociais e históricos que se sucedem no espaço físico das ilhas¹.

Esta imagem torna-se progressivamente mais generalizada, em contraste com um país diversificado e em mudança cujos habitantes participaram, em vários momentos, da criação da sociedade cabo-verdiana e da sociedade diaspórica cabo-verdiana. Porquê então estudar a sociedade de origem nos moldes em que propomos?

¹ O aumento da imigração no arquipélago é possivelmente, um dos fatores de mudança social mais importantes dos últimos tempos em Cabo Verde.

I-Abordar a sociedade de origem

Em primeiro lugar, a discussão sobre se a experiência cabo-verdiana de mobilidade é ou não uma diáspora (por causa da pequena dimensão e amplitude comparada a outras experiências) deve considerar:

a) a sua importância para os cabo-verdianos (*Gibau: o que importa é a forma como as pessoas se sentem em relação a migração*), a dimensão material e simbólica para o país (*não há cabo-verdiano que não tenha um familiar lá fora; todo o cabo-verdiano quer um dia partir*);

b) a existência coletiva ligada à diáspora, ou seja, o modo como os cabo-verdianos se conectam com quem está lá fora;

c) consciência histórica da migração e a constatação de que o arquipélago é a marca territorial e simbólica por excelência para os grupos dentro e fora do país;

d) ou seja, que a identidade individual e coletiva dos cabo-verdianos é amplamente tributária da migração.

Ou seja, e seguindo Safran, sem dúvida que o arquipélago é o “centro” original específico de onde partiram os elementos da diáspora ou seus ancestrais; o grupo retém uma memória coletiva e uma visão ou mito sobre a sua terra de origem que se refere à sua localização física e feitos históricos; a terra ancestral de origem é vivida como sendo o seu verdadeiro lugar, o lar ideal e o lugar para o qual eles ou seus descendentes devem (ou podem) eventualmente retornar- quando as condições forem apropriadas; acreditam que devem, em conjunto, estar empenhados na manutenção ou restauração da sua terra de origem e na sua segurança e prosperidade; as pessoas continuam a relacionar-se direta ou indiretamente com Cabo Verde, e a existência desta relação é essencial na definição da sua consciência etnocomunal e solidariedade (Safran, 1999).

Ou seja, Cabo Verde apresenta-se como o marcador territorial, a marca espacial e afetiva por excelência dos migrantes.

Entre os países africanos atuais, Cabo Verde tem uma das mais importantes comunidades de emigrantes vivendo no estrangeiro em relação à sua população residente e que mais cedo organizou-se como diáspora. Portanto, antecipa-se a entrada da palavra *diáspora* no léxico sobre a migração cabo-verdiana que traz consigo grandes expectativas de transferência de competências e recursos para o desenvolvimento do país. Conforme vários autores, muito recentemente é que a maioria dos governos africanos passaram a considerar as diásporas dos seus países como elementos importantes do processo de desenvolvimento e a própria UA adoptou a expressão *Africano da Diáspora* e tem como critério base de adesão dos seus membros o seu compromisso em apoiar o desenvolvimento. Em Cabo Verde, a aproximação às comunidades dispersas é uma medida importante das agendas dos sucessivos governos, e desde a independência, os esforços são para que os emigrantes invistam no país do mesmo modo que tradicionalmente ajudam as suas famílias.

Em síntese, cortejar a diáspora (manter ou restabelecer o seu contato e encorajar os membros da diáspora a viver de acordo com as expectativas do lugar de origem) é uma questão política importante desde sempre em Cabo Verde, que mais recentemente ganha destaque em África, em geral.

Todos estes aspectos não deixam dúvidas de que estudar a sociedade de origem é importante porque, ao longo do tempo, no caso de Cabo Verde, foi adquirindo aquilo a que vimos chamando de *competência migratória*, pois além

do fato de que a ligação com a origem sofre mudanças ao longo do tempo, deve-se considerar que uma sociedade como a de Cabo Verde acumulou algum tipo de capital (se não material, também simbólico e de outro tipo) ao longo de cerca de século e meio de (con)vivência com a emigração. Os efeitos deste capital são indiretamente percebidos pelos agentes sociais, mas na prática cotidiana, a migração é tratada (e vivida) com familiaridade; como um elemento central nos projetos de vida das pessoas, a experiência migratória não é vivida como um processo traumático.

II-Aspectos que são percebidos em CV

Um dos critérios importantes da existência de uma (potencial) diáspora, como aponta Bakewell (2008), é que esta deve possuir uma rede sustentada de relações sociais com os membros do grupo que vivem em diferentes países de acolhimento. Em Cabo Verde, este aspecto começa a ser apontado, ou seja, as pessoas começam a dar conta da existência de uma rede de relações que envolve os emigrantes entre si lá fora. Isto torna-se mais perceptível, por exemplo, no que toca ao universo musical, em que se percebe as trocas entre as diferentes comunidades. Outras modalidades são menos referidas como um fator de transnacionalidade, como por exemplo, as múltiplas deslocamentos que as mulheres empreendem entre as comunidades, a partir de Cabo Verde, dos EUA ou Portugal, promovendo o contato entre as comunidades que ultrapassa a mera troca dos produtos que comercializam.

A forma como em Cabo Verde são percebidas essas ligações entre as diferentes comunidades que cruzam fronteiras (e não passam por Cabo Verde), lembra-nos que a sociedade de origem refere-se muito mais ao seu papel no processo de constituição da diáspora do que à sua contribuição na dinâmica que conduz à consolidação e amadurecimento da diáspora.

2.2. Aponta-se muito mais às redes que se formam com familiares em diferentes lugares e percebe-se uma noção de que elas se tornam cada vez mais importantes como eixo das decisões sobre o que ficou em Cabo Verde, sobre quem deve emigrar –deslocando-se nesse espaço formado pela rede- quando e como deve ser a viagem e que a deverá suportar, ou que papel cabe a cada um nesse processo;

2.3. O entendimento também estende-se à importância dessa rede para a modalidade que se começa a utilizar muito em Cabo Verde da emigração provisória (de fato provisória, de curta duração), que vem sendo adotada e parece mais de acordo com o mundo atual da imigração onde predomina o trabalho temporário. Esta emigração vem envolvendo pessoas que devem reunir um determinado montante de dinheiro para resolver uma situação concreta, específica em Cabo Verde e deslocam-se com esse objetivo, retornando depois ao país.

2.4. A literatura afirma que o modo transnacional de vida representa um desafio às ideias clássicas sobre o retorno, e um outro aspecto percebido e que vem sendo progressivamente apontado é o não-retorno, ou seja, em Cabo Verde, começa-se a admitir cada vez mais que muitos não regressam (e vocês sabem de toda a importância do mito do retorno para se sustentar a migração, que parece que a diáspora resolve porque, nem os países de destino precisam afirmar que os novos habitantes são provisórios e nem o país de origem precisar também afirmar objetivamente que os que partem, em geral, não regressam). Muitas pessoas não regressam porque o que acumularam lá fora não assegura uma reforma, ou porque já não têm família em CV.

III- A DESCENTRALIDADE DE CABO VERDE

Dominique Schnapper considera que para as sociedades particularmente marcadas pela mobilidade, coloca-se a possibilidade de a palavra diáspora tornar-se dominante quando: os principais produtos comuns sejam criados no exterior, com o fim dos nacionalismos, e se identificarmos símbolos e signos criados *entre lugares* e afectam toda a sociedade diaspórica, incluindo a sociedade nacional. A autora aponta, afinal, para a progressiva descentralidade que o lugar de origem sofre como efeito do amadurecimento da sociedade diaspórica (Schnapper, 2001).

Como dissemos atrás, o reconhecimento de um espaço diaspórico e suas dinâmicas autónomas construídas fora de Cabo Verde é fato recente mas cada vez mais assimilado perante as evidências de que a imigração e o retorno ao país de origem podem não ser fatos definitivos, irrevogáveis e irreversíveis. De modo implícito, esta necessidade é reconhecida e a sociedade procura estar lá onde se encontram *os seus membros longe de casa*, aproximando-se, dos seus outros modos de vida (cosmopolitas) cuja assimilação é condição para que experiências muito prolongadas de emigração não provoquem interrupções nas afinidades e na familiaridade dos emigrantes para com a sua terra de origem.

Associada à admissão do não-retorno, há indicações de uma preocupação em relação à capacidade de Cabo Verde manter-se no papel de lugar que tem os seus membros à disposição da diáspora, a longo prazo. As pessoas vêm apontando para um esvaziamento progressivo das famílias que passam a ter mais membros fora do país, reforçando as redes lá fora; aquilo que era considerado *vantagem* pode tornar-se um *custo* porque é necessário ter membros-ativos- no país para garantir a reprodução material e simbólica, ou seja, garantir o bom uso que se deve fazer do resultado da emigração (Sayad, 1998). Esta preocupação mostra que, no arquipélago compreende-se que a própria posição de cada família ou grupo de famílias na estrutura social depende, em grande medida, da antiguidade e intensidade da sua emigração, e o fato de uma família ter membros suficientes para estar presente simultaneamente em Cabo Verde e na emigração, é um indicador de riqueza.

Simultaneamente, as vias transnacionais podem elas próprias tornar-se estratégias de sobrevivência ou de ascensão social -e assim serem percebidas em Cabo Verde-, favorecendo fortes laços transnacionais que também incluem as pessoas nas ilhas. Um espaço de fortalecimento desses laços informais é-nos fornecido, por exemplo, pelas dinâmicas que já experimentam as famílias com membros dispersos em diferentes países de emigração cujos benefícios também estendem-se aos que estão em Cabo Verde. Nessas circunstâncias, tais famílias podem associar-se e coletivamente resolver aspectos diferentes das necessidades que lhes são colocadas a partir de Cabo Verde. No mesmo sentido, cada vez mais, no arquipélago descreve-se a rede como o centro das decisões, como já dissemos anteriormente.

IV- Lealdades múltiplas e reciprocidades

Estando os cabo-verdianos despertos para a necessidade de incluírem-se nas redes que se formam transnacionais agora, a mudança deve-se a que não apenas às novas identidades são forjadas como deslocadas por múltiplas lealdades. ; com o tempo e a presença noutras sociedades, há o perigo de se formarem novas etnicidades, laços afetivos, ou seja, a permanência no exterior pode trazer nova consciência étnica, novas línguas e variações culturais cuja marca estará impressa nas produções que a sociedade de origem também consome como parte da diáspora.

Pertencer à sociedade de diáspora significa, necessariamente, construir um tipo de lealdade à sociedade diaspórica, tornando-se parte desta ao mesmo tempo em que buscam manter a lealdade ligada à nação, por conseguinte, procurando conciliar dois tipos de coesão nem sempre coincidentes.

É preciso notar que a sociedade diaspórica compreende-se como um conjunto que resulta de processos relacionais sendo uma referência normativa e ideológica, um conjunto mais ou menos organizado onde se difundem novas atitudes, normas e valores fundadas nas interações entre os indivíduos.

V- A *marca* Cabo Verde

Analisando o papel que Cabo Verde tem no contexto da sociedade diaspórica, compreende-se que atribui-se-lhe aquilo a que aqui chamamos de função de *vitrine*, ou que imprime o carimbo da certificação das produções realizadas no espaço da comunidades diaspórica.

Não apenas o arquipélago parece condenado a buscar suas fontes no seu universo da emigração como mostra-se um lugar favorável como fonte dos esquemas pelos quais a experiência de emigração é organizada e relatada pelos que partiram: todos os anos, são realizados festivais de música nas diferentes ilhas, e os artistas que vivem na emigração consideram que esses encontros são uma vitrine importante para se tornarem conhecidos também junto às outras comunidades espalhadas.

A música é um exemplo que descreve como Cabo Verde transformou-se no lugar onde são realizadas as sínteses do que é produzido pelas comunidades e que se deve, igualmente, ao surgimento de descendentes de origens diversas.

O arquipélago tem um importante papel na forma como são confirmadas (ou legitimadas) as tendências e aspirações de todo o espaço cabo-verdiano de mobilidade, em termos de produtos musicais, comportamentos, estilos de vida e produtos cujo consumo torna-se desejável e admitido. Em suma, reafirma-se o sentimento de aceitação e de pertença no interior da sociedade diaspórica que se exprime pela adesão a objetivos comuns e o arquipélago tem o importante papel de imprimir a *marca Cabo Verde* aquilo que é produzido no contexto amplo da diáspora cabo-verdiana.

Ao mesmo tempo, O fato de ser um lugar de legitimação e uma referência de produção de cultura cada vez mais apreciada internacionalmente - justamente pelo seu hibridismo- beneficia a comunidade diaspórica em geral, já que os produtos culturais oferecidos pelas comunidades no exterior são procurados por trazerem a *marca Cabo Verde*. As vantagens de pertencer a essa comunidade transnacional *de marca* são percebidas nas comunidades, por exemplo, por desportistas como os basquetebolistas de origem cabo-verdiana nos EUA que integram a seleção de Cabo Verde, ou os artistas que vêm ganhando visibilidade no exterior, em primeiro lugar, *pelo fato de serem cabo-verdianos*, ou seja, o arquipélago é um importante lugar da legitimação cultural da diáspora e inovador, ao mesmo tempo, porque continua a produzir cultura que é consumida no exterior. Por esta perspectiva, Cabo Verde fornece visibilidade (positiva) a muitos agentes que se podem espalhar (e aos seus produtos).

CONCLUSÃO

competência migratória, pois a sociedade adapta-se às condições oferecidas nos diferentes períodos históricos da migração, aos recuos ou expansões do processo migratório, ao longo do tempo. Ou seja, a emigração cabo-verdiana

não será a mesma, não apenas porque mudaram as condições no exterior mas também porque a sociedade de origem mudou e mudou em relação à sua emigração, o que remete para o lugar singular que pode ter no seio da sociedade diaspórica cabo-verdiana.

A comunidade local está constantemente alerta e à escuta desta parte de si mesma que está separada dela, adapta seus ritmos às notícias, aos retornos que ocorrem em datas periódicas e vive como que suspensa, aguardando as expressões que vêm de fora. Ao mesmo tempo, desenha-se melhor as reciprocidades que se instalam entre estes dois pólos, com Cabo Verde redefinindo o seu papel como lugar de origem, servindo agora de centro das sínteses do que a diáspora produz, ao mesmo tempo em que, pelo seu hibridismo, permite aos emigrantes no exterior oferecer sua nacionalidade como um importante cartão de visitas.

Certamente que estas dimensões são diferentemente percebidas pelos diferentes grupos sociais em Cabo Verde, diferentemente engajados, quer nas dinâmicas sociais internas, quer no contexto diaspórico, mas não podemos deixar de lembrar que a migração é ela própria um importante fator de produção e reprodução das diferenças e desigualdades no arquipélago.

O CEsa

O CEsa é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.

Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.

As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.

Vários membros do CEsa são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.

Os autores

IOLANDA ÉVORA

Iolanda Maria Alves Évora- Psicóloga Social pela Universidade de São Paulo, Brasil, investigadora associada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (Cesa,Iseg), ao abrigo do Programa Ciência 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Desde 1998 conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigação sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre transnacionalismo, processos associativos em contexto migratório e concepções e discursos sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago. No campo da saúde/imigração tem estudado, nomeadamente, aspectos das percepções e atitudes dos jovens face ao VIH/Sida. Recentemente, participa de equipas de investigação sobre processos organizativos em contextos de trabalho informal como as feiras e mercados no Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Lecciona disciplinas de Psicologia Social e Organizacional e Metodologia Qualitativa em licenciaturas e mestrados do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")
da Universidade Técnica de Lisboa

R. Miguel Lupi, 20 1249-078 LISBOA PORTUGAL
Tel: + / 351 / 21 392 59 83 Fax: [...] 21 397 62 71 e-mail: cesa@iseg.utl.pt
URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>